

# A representação social de professor em *fanpages* do Facebook\*

Messias Dieb

Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira  
Universidade Federal do Ceará

Júlio Araújo

Programa de Pós-Graduação em Linguística  
Universidade Federal do Ceará

Jamilley Lima Vasconcelos

Curso de Pedagogia  
Universidade Federal do Ceará

**Title:** *The social representation of teacher occupation shared on Facebook fan pages*

**Abstract:** *Since the development of the digital technologies, the social networkings have efficiently disseminated representations about different social objects and features. Based on this, we analyze the social representation of teacher occupation that is shared on the Facebook fan pages called “Professor dá Depressão” and “Profissão Professor”. With the support of the theory of social representations (MOSCOVICI, 1978; JODELET, 1989; 2001), we selected images posted on those fan pages, focusing especially on their likes, comments and shares about the teacher occupation. After being classified by viewpoints about the teacher occupation, we used the analysis of content (BARDIN, 1977) to explore the symbolic elements in the comments related to those images. The data show the teacher like a “slave of the job”, since the society thinks of teachers as people who work exhaustedly, earn less than they deserve, and, because of this, they are seen as oppressed and socially unsuccessful subjects.*

**Keywords:** *Social representation. Social networking. Teacher occupation.*

**Resumo:** *Com o desenvolvimento das tecnologias digitais, as redes sociais tornaram-se o mais eficaz meio de propagação de ideias sobre diferentes objetos e aspectos da sociedade. Com base nisso, neste artigo, analisamos a*

---

\* Trabalho resultante da pesquisa “A representação social de professor e a ludicidade nas redes sociais da Internet” realizada, no período de 2013 a 2014, no âmbito dos grupos de pesquisa Ludice e Hiperged.

*representação social de professor compartilhada nas fanpages “Professor dá Depressão” e “Profissão Professor” da rede social Facebook. Com base na teoria das representações sociais (MOSCOVICI, 1978; JODELET, 1989; 2001), selecionamos imagens das fanpages citadas, sobressaindo-se, nesta seleção, aquelas com o maior número de curtidas, compartilhamentos e comentários acerca da profissão de professor. Elas foram agrupadas em blocos temáticos e tiveram seus comentários analisados pelo método da análise de conteúdo (BARDIN, 1977). Os resultados da análise mostram que o professor é representado por um sujeito “escravizado pelo trabalho”, já que a sociedade o enxerga como alguém que trabalha exaustivamente, ganha pouco em relação ao que trabalha e, por isso, é um sujeito oprimido e mal sucedido na vida.*

**Palavras-chave:** Representação social. Redes sociais. Profissão docente.

## Considerações iniciais

Já há algum tempo em que um click de mouse e o dedilhar nos teclados passaram a representar gestos de leitura e de escrita. Com o surgimento da tecnologia *touch screen* em tablets e smartphones, vários movimentos de toque dos dedos na tela adicionaram outros gestos mais contemporâneos às atividade de leitura e de escrita. Contudo, para além de um movimento físico, às vezes quase mecânicos, esses gestos também representam novos modos de sairmos ao encontro do outro. O deslumbre pelas novas tecnologias e os gestos de leitura e escrita que elas demandam podem fazer com alguns esqueçam o que significa estar conectado, estar, por exemplo, em uma rede social. Esses fatores têm feito algumas pessoas esquecerem que o habitante do outro lado da tela é gente de verdade e que, por isso, a produção textual prestes a ser postada na rede certamente terá impactos em sua vida prática.

Estudos como o de Kraut *et al.* (1998) mostraram que o aumento do uso da internet foi associado concomitantemente ao aumento da solidão. Nessa mesma direção, Kim *et al* (2009) também constataram que o excesso de uso da web pode isolar um indivíduo fisicamente, levando-o a experimentar sentimentos de solidão. Por outro lado, o trabalho de Amichai-Hamburger *et al.* (2013), que investigaram a influência da internet nas relações de amizade entre as pessoas, tentando compreender até que ponto os contextos virtuais moldam e ressignificam o conceito de amizade

para elas, mostra que a internet não trouxe apenas benefícios às relações interpessoais. Segundo esses autores, redes sociais como as que se formam, por exemplo, no site do Facebook têm gerado muitas contendas e ciúmes e corroborado, inclusive, para o fim de muitas relações.

Ao também estudar algumas relações mediadas pelo Facebook, Skues *et al.* (2012) focaram os efeitos de traços de personalidade, autoestima, solidão e narcisismo entre estudantes universitários. Essa pesquisa mostrou que havia pouca ou quase nenhuma indicação de que o Facebook estava sendo usado para apoiar diretamente quaisquer atividades acadêmicas. Seus entrevistados indicaram que o Facebook foi, muitas vezes, utilizado como um meio de fazer uma pausa no desenvolvimento dessas atividades.

Com o mesmo propósito de estudar as relações que se constroem no Facebook, Kwan e Skoric (2012) se debruçaram sobre o que eles denominaram de *facebookbullying*. Essa expressão cunhada pelos autores denota que a prática do *bullying* tem sido extremamente comum entre os usuários do Facebook e que este fenômeno representa uma extensão das batalhas e xingamentos realizados na escola. Pelo que podemos perceber, todos esses estudos indicam que as redes sociais abrigam práticas que podem ameaçar fortemente a boa convivência.

De igual maneira, podemos dizer que os usos que fazemos das redes sociais na internet podem revelar muito sobre o modo como as pessoas compreendem o mundo e nele se posicionam. Isto se justifica porque, com o desenvolvimento das tecnologias digitais de comunicação e a ampliação das redes sociais que essas tecnologias possibilitaram, a propagação de ideias e valores sobre diferentes objetos de relevância social e cultural tem sido, cada vez mais, instantânea e dinâmica na conversação entre os sujeitos. A consequência dessa conversação nas redes é, segundo Recuero (2012, p. 126), a publicização de valores e de “relações sociais construídas entre os interagentes, fornecendo o contexto social para a interpretação dos grupos e das relações entre os indivíduos”.

Sem dúvidas, muitas representações sociais encontram lugar nesses ambientes e as pessoas, sem se dar conta, comentam, curtem e compartilham suas representações, muitas das quais se constroem a partir de discursos lesivos à convivência humana. Com base nesses aspectos, o presente trabalho enfoca um dos objetos de representação que têm sido amplamente divulgado, discutido, comentado, curtido e compartilhado, que é o professor. No contexto brasileiro, esse profissional é visto como um sujeito sem relevância social e mal remunerado, embora a sociedade cobre dele as mudanças sociais atribuídas à educação.

Inferimos que tal posicionamento se trata de uma representação social (MOSCOVICI, 1978; 2001) sobre o professor que tem, nos últimos anos, ganhado força e que tem sido reconstruída por meio de práticas linguístico-discursivas cada vez mais ampliadas pelas redes sociais que se formam na internet. Com efeito, os meios de comunicação em massa são os maiores colaboradores para a formação de representações, as quais se configuram como um produto e, ao mesmo tempo, um processo elaborado, a partir de uma manifestação psicológica e social do real (ARRUDA, 1992). Desse modo, as representações sociais (RS) englobam um conjunto de conceitos, proposições e explicações, construído nas comunicações interpessoais da vida cotidiana, o qual inclui, ainda, elementos simbólicos e culturais que, apesar da dinamicidade social, perpassam as sociedades ao longo dos anos.

A teoria das representações sociais (TRS) foi desenvolvida por Moscovici (1978) em 1961, a partir da noção de representações coletivas de Durkheim ([1895] 2001). Conforme Moscovici, enquanto as representações coletivas são frutos da coerção sofrida pelo indivíduo como membro de uma determinada sociedade, as RS são frutos de dois processos dos quais o indivíduo é partícipe constante de sua construção: a objetivação e a ancoragem. Pelo primeiro, o sujeito dá materialidade a um objeto abstrato, transportando-o para uma realidade familiar, enquanto, pelo segundo, dá ao objeto representado um sentido, interpretando-o de acordo com as

relações sociais experienciadas. Assim, a oposição de Moscovici a Durkheim se torna pertinente devido ao fato de que a representação acerca de um determinado objeto é sempre uma construção subjetiva e não uma herança do psiquismo social, a qual seria imposta aos indivíduos de geração a geração.

De acordo com a literatura sobre o tema, o conceito de RS tem sido discutido e ampliado continuamente. Assim sendo, podemos citar, como exemplo dessa ampliação, o trabalho de Jodelet (2001, p. 22) para quem a representação é compreendida como “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. Essa mesma perspectiva encontra-se no texto de Madeira (2002), segundo a qual estudar as RS dá ao pesquisador a possibilidade de uma aproximação do objeto definido, considerando-o no dinamismo que o gera. Portanto, em função de todos esses aspectos, o que nos propomos discutir, neste trabalho, é a representação de professor construída pela sociedade e amplificada pelos sujeitos que se relacionam por meio de redes sociais no universo digital de comunicação.

Nesse sentido, compreendemos que as RS, propagadas principalmente por meio da conversação entre os sujeitos, exercem uma forte influência na construção do imaginário social ao mesmo tempo em que são influenciadas por ele, haja vista este ser entendido como a capacidade elementar e irredutível de as pessoas evocarem uma imagem sob a forma de representação (CASTORIADIS, 1965). Ao compreender que tanto as representações como o imaginário estão no nível do simbólico, intuímos que eles congregam, ao mesmo tempo, elementos de natureza psicológica e social e se constituem como formadores da teia de relações e de significações que ajudam os sujeitos a orientarem as suas práticas comunicativas. Assim sendo, no que concerne a esse importante *objeto* de natureza social e cultural, que é o professor, perguntamos: Como tem se configurado atualmente a representação de professor elaborada e disseminada no Facebook? De que maneira os sujeitos objetivam as imagens

do ser professor nessa rede social? Que significações perpassam e auxiliam a ancoragem dessas imagens?

Na tentativa de respondermos a essas questões, apresentaremos na sequência os procedimentos metodológicos realizados no presente estudo. Em seguida, discutiremos os dados construídos a partir de nossa inserção em *fanpages* do Facebook cuja temática central era a profissão de professor.

## Os procedimentos metodológicos da pesquisa

A fim de alcançar os objetivos propostos para este empreendimento acadêmico, fizemos uso de procedimentos cuja inspiração fomos buscar nas discussões sobre a etnografia virtual, termo popularizado por Christine Hine (2000; 2005). Segundo o que afirmam Fragoso *et al.* (2011, p. 173), a etnografia no espaço da internet é possível e “se dá no/de e através do online e nunca está desvinculada do off-line, acontecendo através da imersão e engajamento intermitente do pesquisador com o próprio meio”. Por isso, levamos em conta o contexto comunicacional dos sujeitos, que é o da comunicação mediada por computador, mais especificamente na rede social Facebook, assim como as culturas que nela se desenvolvem, as quais nos forneceram pistas importantes para a descrição do conteúdo da representação de professor que ali estava sendo veiculada.

Foi igualmente necessário considerar as conversações, práticas e negociações simbólicas entre os sujeitos, as quais se dão normalmente por meio dos típicos mecanismos de participação na referida rede social: os dispositivos curtir, comentar e compartilhar. Esses dispositivos são os responsáveis mais básicos pelo sustento da interação entre os sujeitos na rede social Facebook, compreendendo não apenas as páginas de perfis pessoais de cada indivíduo como também as *fanpages*. Estas são semelhantes aos perfis individuais, mas diferenciam-se no que concerne à transmissão de informações, haja vista as *fanpages* terem uma natureza mais comercial, política e/ou identitária de um determinado grupo de pessoas. Portanto, para a realização do

presente trabalho de pesquisa, entre 2013 e 2014, adentramos algumas *fanpages* que versavam sobre a ideia de professor, tais como “Professor dá Depressão” e “Profissão Professor”, nas quais realizamos uma observação sistemática e uma investigação interpretativa das significações relacionadas a esse objeto de representação.

Posteriormente, agrupamos as ideias veiculadas sobre o professor em blocos temáticos, acompanhando as orientações da análise de conteúdo de Bardin (1977). Seguindo esse processo de análise, passamos pelas três etapas sugeridas pela autora: pré-análise, inferência e interpretação. Essas etapas nos permitiram chegar bem próximo do significado do conteúdo das mensagens contidas, especialmente, nos comentários sobre a profissão professor postados pelos seguidores e visitantes das *fanpages*.

Depois de selecionarmos um número significativo de imagens nas duas *fanpages*, durante a pré-análise, selecionamos 12 imagens com as quais ilustraremos os resultados da pesquisa. Essas imagens, cada uma delas, não tiveram menos de 300 (trezentas) curtidas, de 3.000 (três mil) compartilhamentos e de 20 (vinte) comentários, cada uma, e foram selecionadas com base sempre no critério de possuir o maior número de comentários. Após essa fase, passamos à inferência sobre a representação que os sujeitos compartilhavam em relação à profissão de professor, especialmente nos comentários postados. Para não divulgarmos as fotos dos sujeitos que comentaram as imagens, resolvemos transcrever os comentários, desconsiderando aqueles que continham apenas elementos paralinguísticos, como indicações de risos, emoticons ou marcação com nomes de pessoas. Posteriormente, numeramos os comentários em uma sequência de 01 a 101. O critério dessa sequência está associado a ordem em que eles foram analisados à luz das três etapas sugeridas por Bardin (1997). Na fase de categorização, concluímos que tal representação congrega cinco aspectos interrelacionáveis, os quais lhe dão contorno e significação, conforme passaremos a apresentar e discutir na sequência.

## Análise e discussão dos dados

Após a análise realizada, vimos que o professor é representado por um ser escravizado pelo trabalho. Em outros termos, ele é alguém que trabalha exaustivamente, ganha pouco em relação ao que trabalha e, por isso, é um sujeito mal sucedido na vida. Para dar contornos a essa representação, vejamos os aspectos mais salientes que conformam a significação veiculada pelas imagens.

### *O professor ganha pouco*

Figura 1 – “E o salário, oh!...”.



Essas são as primeiras imagens visualizadas pelos visitantes da página “Professor dá Depressão”: dois professores fictícios, de programas de humor bastante conhecidos no Brasil. São eles o professor Girafales e o professor Raimundo. O que há em comum entre esses dois personagens além do fato de serem profissionais da educação? Se observarmos os contextos de suas histórias, constatamos que ambos são ridicularizados e tomados como “bobos alegres”. Ainda há, em relação ao professor Raimundo, um bordão comum ao final de suas aparições e que

está representado pela foto na capa da *fanpage*, em que ele faz um gesto que representa algo pequeno e diz: “E o salário, oh!...”.

Esses personagens, que tanto nos fizeram rir e que se tornaram uma imagem para a ideia de professor, ilustram uma *fanpage* dedicada a essa profissão e nos levam a uma primeira informação: a de que o professor é um profissional que ganha pouco.

Realmente... somos mágicos (as) com esse salário... e escravos (as) de cada governo que assume o poder !!!!!  
Só querem quantidade, sem pensar na qualidade...  
(Comentário 10).

Mas, ganha pouco em relação a quem? De onde partem as referências daqueles que chegaram a essa conclusão? Imaginemos, então, uma sala de aula, repleta de alunos, onde temos apenas um professor que passa horas da sua semana tentando não somente fazer com que todos esses alunos se apropriem do conteúdo de suas aulas, mas também se formem como cidadãos, comprometidos com ideais de mudança. Além disso, ao final de cada dia, esse mesmo professor precisa levar para casa a tarefa de planejar as aulas do dia seguinte, de avaliar as provas dos alunos, além de outras atividades que consomem horas extras de sua carga horária e que certamente não serão remuneradas.

Como podemos perceber, tanto os sujeitos criadores dessa *fanpage* como aqueles que curtem, compartilham e comentam as postagens nela veiculadas são partícipes dessa construção e da propagação da imagem do professor como um profissional economicamente desfavorecido. Em outros termos, como diria Moscovici (1978), constatamos a participação desses sujeitos na construção das suas próprias realidades sociais, o que se dá, nesse caso, no dinâmico processo de manutenção da *fanpage*: curtidas, compartilhamentos e comentários. Portanto, como também diria Jodelet (2001), trata-se da manifestação de um conhecimento que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social, a qual, neste caso, remeta-se, de imediato, à realidade de muitos dos sujeitos que participam das *fanpages*, isto é, professores que, ao se depararem com a ideia

exposta, manifestem-se favorável ou desfavoravelmente por meio de seus comentários.

Contudo, podemos estar igualmente diante de outra realidade socialmente partilhada: a dos que não sendo professores, tomam as referências de sua realidade para deduzir e propagar que todo professor realmente ganha mal e, por isso, é um sujeito profissionalmente fracassado. Nesse sentido, conhecendo a realidade salarial dos educadores no Brasil, e refletindo sobre o exemplo acima acerca da rotina de um professor, entendemos que, para os sujeitos da pesquisa, essa profissão é mal remunerada devido à carga horária exaustiva que lhe é exigida. Isso nos leva, portanto, a estabelecer uma relação com o próximo aspecto que emergiu na análise.

### *O professor trabalha muito*

**Figura 2** – Exaustão do professor.



**Figura 3** – Trabalho em excesso.



Em consonância com o que foi dito anteriormente, o baixo salário de um professor em relação a sua carga exaustiva de trabalho não lhe permite uma vida tranquila e confortável, o que leva esse profissional a procurar mais de uma instituição para ensinar. Com isso, durante a semana, inferimos que ele tenha de trabalhar em lugares diferentes, em turnos contínuos e com um número consideravelmente grande de turmas, às vezes com uma

média de 40 alunos cada. Todo esse trabalho passa, então, a se acumular, impedindo que o professor dedique-se a sua vida pessoal e/ou outras atividades que são realizadas fora do ambiente escolar, chegando à exaustão ilustrada pelas imagens da coruja.

No início da semana nós vamos pra escola sempre motivados, empolgados e na sexta-feira estamos exaustos, pois além de termos nos dado por demais, sendo sugados pelos alunos, ainda temos que suportar mal criações e desaforos de todos os lados: alunos, pais, outros professores, coordenação e direção. **(Comentário 25)**.

É uma imagem engraçada, imagem conotativa da realidade, dia a dia do professor, o professor após um período de trabalho sente-se desmotivado, cansado, preocupado, desesperançado, sistema emocional abalado. **(Comentário 02)**.

A outra imagem mostra uma professora sentada em sua mesa e rodeada de papéis, acerca dos quais inferimos simbolizar todo o seu trabalho acumulado. Essa imagem, cujo aspecto que veicula alcançou 399 curtidas, 8.592 compartilhamentos e 135 comentários, também apresenta a seguinte frase: “Professor, já corrigiu minha prova?”, compreendida como uma maneira de verbalizar as cobranças feitas por alunos e, muitas vezes, também pelos pais desses alunos. Essa e muitas outras cobranças sinalizam para mais um aspecto da representação em estudo, o qual atribui ao professor um papel de submissão frente aos alunos e especialmente aos pais, conforme passaremos a discutir. Além disso, a figura 3 aponta para ideia de que o professor é um sujeito completamente desorganizado cuja mesa de trabalho é caótica. O que esperar de um profissional que nem sua própria mesa organiza? Será que seu trabalho de correção dos trabalhos é confiável? Mesmo estando em uma *fanpage* de humor, imagens como essas e os comentários a elas associados nos dão uma ideia de como a sociedade representa a profissão docente. Não são poucas as vezes em que ouvimos de nossos alunos na

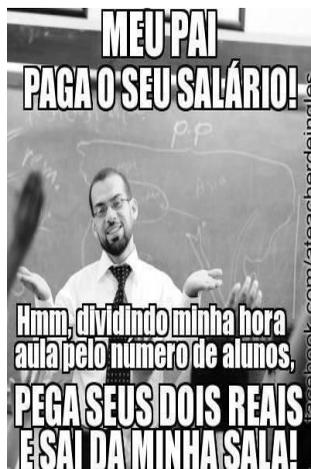
universidade a pérola: “professor, o senhor realmente vai corrigir esse trabalho?”. Uma pergunta como essa parece mostrar que as pessoas não confiam muito no exaustivo trabalho que todos levamos para casa. Ademais, é provável que a imagem de um consultório médico ou de escritório de um advogado não seriam representados da mesma maneira como a suposta mesa em que o professor trabalha para estudar e avaliar a produção de seus alunos.

### *O professor serve aos pais*

**Figura 4** – Mães felizes, professora triste



**Figura 5** – Os pais patrões.



Se observarmos o papel de professores da educação infantil, exemplificado na imagem ilustrada pela figura 4, sabemos que elas são responsáveis não somente pela educação das crianças, mas também pelos cuidados básicos que uma criança precisa receber. Durante o horário de aula, principalmente em caso de período integral, as crianças são banhadas e alimentadas por sua professora. Por conta disso, os pais que deixam seus filhos na escola veem nessas profissionais

da educação uma espécie de “babá”, que tem o seu salário pago por eles.

No contexto social em que estamos vivendo, o respeito ao professor é mínimo e isso também se reflete em muitas famílias e os filhos (nossos alunos) tem essa imagem de nós professores. (**Comentário 03**).

No caso da escola particular, esse pagamento se dá pelo valor das mensalidades quitadas junto à instituição e no caso das escolas públicas, pelo pagamento dos altos e injustos impostos cobrados pelo Governo. Desse modo, parece se formular uma ideia de que os professores deixam de assumir o seu papel de educadores em uma determinada escola e passam a ser reconhecidos como alguém que foi contratado por um pai para cuidar de seu filho.

Somos babás, psicólogas, mães, assistentes sociais e o governo ainda acha pouco. (**Comentário 12**)

É um desgaste muito grande trabalhar na educação nos dias de hoje, as crianças de hoje, não tem a mesma educação vindo de casa como antigamente, são mais elétricas, ativas e não tem mais medo de “cara feia”, sendo assim desgasta o professor no seu dia a dia, que muitas vezes além de ensinar tem que fazer o papel dos pais. (**Comentário 04**).

Essa cultura permanece na vida escolar dos alunos, que crescem e partem para o ensino fundamental, médio e até superior. Em qualquer um desses níveis, parece que o professor deve respeito e submissão aos alunos, especialmente na escola privada, pois são os seus pais os responsáveis diretos pelo salário que lhes é pago. Essa ideia está bem ilustrada no suposto diálogo da imagem ilustrada pela figura 5, acima, cujo aspecto que veicula alcançou mais de 18.809 compartilhamentos e 223 comentários.

Conforme pode ser constatada, a ideia de inferiorizar o papel do professor gera um grande mal-estar entre ele e seus

educandos, promovendo conflitos que empobrecem as relações afetivas aluno-professor. Além disso, parece diminuir o verdadeiro sentido da profissão e do ato de ensinar, tornando o professor um profissional sem reconhecimento diante das demais profissões, conforme é destacado pelo próximo aspecto da representação.

### *O professor não tem reconhecimento profissional*

**Figura 6** – Quanto vale um professor?



**Figura 7** – Ninguém dá a mínima!



A partir do momento em que se cria uma imagem negativa e desrespeitosa acerca da profissão de professor, torna-se cada vez mais difícil o seu verdadeiro reconhecimento profissional na sociedade. Sendo assim, por mais que o professor se esforce para enriquecer os seus conhecimentos e o seu currículo, o simples fato de ser professor já é visto de maneira inferior frente às demais profissões, a exemplo dos jogadores de futebol citados na figura 6.

Realmente, faxineira anda ganhando bem mais.  
**(Comentário 07)**

Os professores no Brasil é que são muito desvalorizados.  
**(Comentário 08)**

A outra imagem, figura 7, também ilustra o aspecto da desvalorização social do professor, o qual foi compartilhado 13.910 vezes e comentado por 177 pessoas. Essa imagem retrata um homem que procura chamar a atenção das pessoas que estão ao seu redor para um professor de educação física que está ao seu lado, enaltecendo a sua excelente qualificação profissional. Para isso, expõe todos os feitos acadêmicos desse educador em voz alta. Depois de ter sido frustrada a sua tentativa de reconhecimento e prestígio social para o colega, ele finaliza dizendo: “*Viu?! Ninguém dá a mínima.*”

Como podemos perceber, essa é uma ilustração que simboliza não apenas a imagem que a sociedade formula acerca do professor, mas igualmente retrata o descaso com a própria educação. Pelo que podemos inferir, parece que as qualificações adquiridas por uma pessoa e a produção do conhecimento que gera publicação relevante para sua área de atuação profissional não significam nada se esta pessoa não é bem remunerada pelo que faz. Portanto, esse aspecto da representação parece se ancorar nos valores capitalistas de nossa sociedade, para a qual não somos valorizados pelo que somos, mas pelo que conseguimos acumular em termos de bens materiais.

Muitos professores se encontram nessa situação. Vemos que isso está acontecendo. **(Comentário 17).**

Tenho dó do meu filho que decidiu ser professor de matemática. **(Comentário 18)**

Sendo o professor alguém cujo maior bem que conseguiu acumular é o saber, este certamente representa um perigo, uma ameaça aos interesses de determinados segmentos sociais. Inferimos que, por esta razão, tais seguimentos trabalham incansavelmente para que o professor seja sempre diminuído em termos de prestígio social e profissional. É, pois, sobre este significado de que trata o próximo aspecto a ser comentado em relação à representação sobre a profissão de professor.

## O professor é um oprimido

Figura 8 – Amor não paga dívidas.



Figura 9 – Opressão histórica



Sabemos que chegando ao Brasil os portugueses sentiram a necessidade de “domesticar” os “selvagens” que aqui estavam, ou seja, eles imaginaram que, negando a cultura indígena e empregando o catolicismo na vida desse povo, o processo de dominação europeia e exploração das terras brasileiras tornar-se-ia mais prático. Para essa função, foram designados os jesuítas, homens que profetizavam a fé católica e se utilizaram das escrituras bíblicas para catequizar os índios. Sendo essa a primeira forma de ensinamento reconhecida no Brasil, esses catequizadores foram considerados como os primeiros educadores oficiais de nossa terra.

Os jesuítas foram nomeados para essa missão pelo império de Portugal e, por isso, deviam respeito àqueles que governavam o país e deveriam encarar essa missão como um serviço prestado a Deus, sendo esse o seu maior prestígio, não havendo, assim, a necessidade de um reconhecimento financeiro ou social para esse ato, ideia que ainda se faz perceber na postagem ilustrada pela figura 8.

Infelizmente é assim mesmo q o governo vê os profissionais, q formam; não só outros profissionais como cidadãos, e, diga-se de passagem, q ser cidadão é ser consciente do seu papel na vida e na realidade da sociedade em q se vive, atuando para melhorá-la sempre. **(Comentário 14)**

Com o passar dos anos, e com o aumento da população, inclusive enviada pelos portugueses para as terras brasileiras, viu-se a necessidade de ampliar os propagadores do ensino dos textos sagrados e dos dogmas católicos. Com isso, não apenas os jesuítas, mas outras pessoas passaram a ensinar “em nome da fé”. Segundo Krentz (1986, p. 13),

quando este não deu mais conta da demanda, chamou colaboradores leigos, que deveriam fazer previamente uma profissão de fé e um juramento de fidelidade aos princípios da Igreja. Daí vem o termo professor, o que professa fé e fidelidade aos princípios da instituição e se doa sacerdotalmente ao aluno, com parca remuneração aqui, mas farta na eternidade.

Percebemos, então, que a palavra “professor” perpetuou-se ao longo dos anos e trouxe com ela o peso de sua etimologia. O ensino por sacerdócio, vivendo a profissão por amor e sendo fiel aos princípios da instituição, vem a ser provavelmente a base histórica e cultural na qual se ancora a representação de professor que estamos analisando. Além disso, a visão do educador como servo, primeiro da Igreja e posteriormente do Estado, gerou os frutos responsáveis pela indiferença e pela opressão que hoje vemos quando esses profissionais resolvem se manifestar e lutar por seus direitos.

Triste realidade! Com isso nossos professores estão desmotivados e nossos governantes não estão preocupados com a situação. **(Comentário 15)**

São estes profissionais tão desvalorizados que estão formando o mundo de amanhã, como o mundo será?  
(Comentário 16)

É possível que seja justamente pelo poder que um professor tem em suas mãos que a sua voz é calada de diversas maneiras, seja pelo pouco que ganha em relação ao que trabalha, seja pela forma errônea como é vista a sua atuação, a qual gera a sua desvalorização profissional. Afinal, o que seria desse sistema opressor se as pessoas se deixassem realmente ser influenciadas por milhares de educadores em todo o país, os quais têm muito poder de voz para “abrir” os olhos do povo brasileiro e formar pessoas intelectualmente capacitadas para lutar por seus direitos civis?

Sempre que surgem professores sonhadores e que passam por cima de qualquer dificuldade, acreditando em um futuro diferente da realidade atual e, por isso, vão à luta, reivindicando os direitos que lhes são negados, a opressão ocorre de maneira direta, sendo, muitas vezes, usada literalmente a força para barrar as conquistas almeçadas por eles. Assim sendo, a segunda imagem, ilustrada pela figura 9, acima, traz uma excelente tradução do que está sendo tratado nesse último aspecto analisado, sobre a representação em tela, o qual foi compartilhado 6.255 vezes e obteve 36 comentários.

O índio que praticava preceitos religiosos diferentes dos portugueses era tão oprimido quanto os comunistas que buscavam acabar com o regime ditatorial dos políticos militaristas. Ambos foram oprimidos por uma violência tão grande quanto a que cala a voz de milhares de professores. É, então, diante de tantas imagens e ideias, que até antes dessas reflexões nos pareciam engraçadas e inofensivas, que chegamos a etapa final desta análise interpretativa, levando em consideração especialmente a aparência lúdica com a qual se revestem os vários aspectos da representação social de professor por elas veiculadas.

Vimos, portanto, que a representação social de professor que é compartilhada nas redes sociais, como nas *fanpages* do Facebook, é perpassada por um certo grau de humor, o que pode

nos levar a concluir que tal ludicidade serve para auxiliar na amenização dos aspectos ideológicos veiculados pelas imagens que ali estão sendo postadas. Isto se justifica pelo fato de que a prática lúdica é uma manifestação cultural e, por isso, pode ser considerada também como um discurso no qual se encerra um “processo de significação, cuja natureza oferece possibilidade de leituras de outros fenômenos que não o próprio lúdico” (COSTA, 2005, p. 29).

## **Considerações finais**

Este trabalho teve o objetivo de analisar a representação social sobre a profissão de professor por meio das imagens difundidas no Facebook, mais especificamente as que se encontram nas *fanpages* “Professor dá Depressão” e “Profissão Professor. Para isso, selecionamos as postagens mais compartilhadas e comentadas sobre a profissão docente e procedemos a uma análise do conteúdo dessas postagens. Após essa análise, podemos agora tecer algumas considerações sobre a representação encontrada.

Um primeiro ponto a ser observado diz respeito ao fato de que a representação de professor, que é veiculada nas duas *fanpages*, aponta para a imagem de um sujeito que trabalha exaustivamente, ganha pouco em relação ao que trabalha e, por isso, é malsucedido na vida. Dando contornos a essa representação, cinco aspectos foram analisados e nos permitiram inferir que ela tem sua ancoragem no fato de que, em nosso país, as primeiras iniciativas de educação nasceram no seio da igreja católica e encontraram no trabalho sacerdotal dos jesuítas o seu principal ponto de referência. Por este motivo, as pessoas parecem atribuir ao trabalho do professor uma característica mais vocacional do que profissional.

No entanto, a análise desses mesmos aspectos revelou ainda que talvez essa imagem atribuída ao professor, como alguém malsucedido profissionalmente, pode não ser apenas uma representação social construída e partilhada, mas, principalmente, nutrida e propagada com finalidades bastante

ideológicas. Quiçá não possamos nomear os reais interessados nessa propagação, mas desconfiar que eles enxergam no professor a probabilidade de provocar mudanças de mentalidades e consequentemente de realidade. Nesse sentido, produzir uma representação que ridicularize e diminua o prestígio social do professor pode ser a saída para que menos pessoas se interessem em assumir a docência como profissão e implicar menos ameaça a quem deseja e trabalha pela manutenção da ignorância e da opressão, especialmente das camadas mais humildes e facilmente “domináveis” da população.

Paralelamente a essa engenhosa e ideológica construção representacional acerca do profissional docente, sobre ele ainda recaem as maiores e mais devotadas expectativas de pais e administradores públicos, como se o professor fosse o responsável por todos os problemas educacionais e como se ele os pudesse resolver apenas com a boa vontade. Sobre isso, Lüdke e Boing (2004, p. 1175) afirmam que “os discursos e as expectativas recaem sobre o professor como se este fosse o salvador da pátria, mas, na prática, não são dadas a esse profissional as condições necessárias de responder adequadamente ao que se espera dele”. Esse fato parece, pois, retroalimentar a representação sobre o professor, a qual, como vimos, é propagada com um certo tom de escárnio, mas escamoteado de ludicidade cuja finalidade parece ser a de amenizar as contradições discursivas em torno desse relevante papel social, que é o do professor, visto simultaneamente como aquele que ocupa a mais sublime das profissões (o magistério), mas que não tem o reconhecimento social e financeiro que merece, sendo, por este motivo, um profissional fracassado.

Gostaríamos, ao final dessa reflexão, de dar destaque ao perigo que se esconde por trás da ludicidade a que nos referimos acima. Trata-se do perigo da naturalização dessa ideia sobre a docência, muitas vezes bem demarcada em frases do tipo: “*Professor, profissional sofredor*”. Nesse sentido, queremos concluir este trabalho alertando sobre o fato de que não podemos aceitar como natural o que não deve, sob hipótese nenhuma, ser

naturalizado: a discriminação, seja esta pessoal, profissional ou de qualquer outra natureza.

## Referências

AMICHAH-HAMBURGER, Y. *et al.* Friendship: An old concept with a new meaning? *Computers in Human Behavior*, n. 29, p. 33–39, 2013.

ARRUDA, A. Representações sociais: emergência e conflito na psicologia social. In. *Revista Laboratório e Política*. Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, p. 115-131, dez/ 1992.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

CASTORIADIS, C. *L'institution imaginaire de la société*. Paris: Seuil, 1965.

COSTA, M. F. V. Cultura lúdica e infância no cenário da pesquisa. In. COSTA, M. F. V.; FREITAS, M. G. F. (Org.). *Cultura lúdica, discurso e identidade na sociedade de consumo*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2005, p. 21-31.

DURKHEIM, E. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

FRAGOSO, S. *et al.* *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

HINE, C. (Org.). *Virtual Methods: issues in social research on the Internet*. New York: Berg Publishers, 2005.

HINE, C. *Virtual Ethnography*. London: Sage, 2000.

JODELET, D. *Les représentations sociales*. Paris: PUF, 1989.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.) *As representações sociais*. Trad. Lílian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 17- 44.

KIM, J. K. *et al.* Loneliness as the cause and the effect of problematic Internet use. The relationship between Internet use

and psychological wellbeing. *Cyberpsychology and Behaviour*, 12(4), p. 451–455, 2009.

KRAUT, R. *et al.* Internet paradox: A social technology that reduces social involvement and psychological wellbeing? *American Psychologist*, n. 53, p. 1017-1031, 1998.

KRENTZ, L. Magistério: Vocação ou Profissão? *Educ. Rev.*, Belo Horizonte. (3): 12-13, jun. 1986.

KWAN, G. C. E.; SKORIC, M. M. Facebook bullying: An extension of battles in school. *Computers in Human Behavior*, n. 29, p. 16-25, 2013.

LÜDKE, M.; BOING, L. A. Caminhos da profissão e da profissionalidade docentes. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1159-1180, Set./Dez. 2004

MADEIRA, M. C. *Representações sociais de professores sobre a própria profissão: à busca de sentidos*. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/2027t.htm>>. Acessado em: 29 out. 2002.

MOSCOVICI, S. *A Representação Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

MOSCOVICI, S. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: JODELET, D. (Org.) *As representações sociais*. Trad. Lílian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 45-66.

RECUERO, R. *A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SKUES, J. L. *et al.* The effects of personality traits, self-esteem, loneliness, and narcissism on Facebook use among university students. *Computers in Human Behavior*, n. 28, p. 2414-2419, 2012.